

VIOLÊNCIA E OPRESSÃO CONTRA AS MULHERES EM DEBATE: RELATO DE EXPERIÊNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR

Isânia Petrucia Frazão Monteiro(1); Jacqueline Liedja Araújo Silva (2)

- 1- UFPB, Especialista em Políticas Públicas de Gênero e Raça. E-mail:tucha26@hotmail.com
- 2- UFCG, Especialista em Educação. E-mail: jliedja@hotmail.com

Resumo do artigo

Este trabalho objetiva trazer uma reflexão acerca da importância do debate de gênero nas escolas, em especial sobre a temática violência contra a mulher, e traz relatos de experiências de palestras desenvolvidas pelo Centro Estadual de Referência da Mulher Fátima Lopes (CERMFL) em uma Escola Pública localizada no Agreste Paraibano. A metodologia utilizada neste estudo, se constituiu em uma revisão bibliográfica com bases teóricas da pedagogia dialógica, libertadora e humana de Paulo Freire, além de textos que tratam da temática deram suporte teórico a esta pesquisa. A segunda etapa, constitui-se em um estudo de campo com abordagem qualitativa através da realização de palestras na Escola Municipal de Ensino Fundamental II Judith Barbosa de Paula Rêgo, em Queimadas/PB. As palestras contemplaram educadores e educandos do Fundamental II, das séries do 6º, 7º, 8º e 9º anos, no ano de 2016, essas aconteceram no dia 09/03/2016, nos turnos manhã e tarde. As Palestras foram conduzidas pelas profissionais do CERMFL em que por meio de expositiva orais utilizando dinâmicas, vídeos e música sobre a Lei Maria da Penha, tipos de violência, políticas públicas de enfrentamento a violência doméstica e sexual. O resultado dos debates realizados pela equipe na escola mostrou o quanto discussões como essas, precisam cada vez mais fazer parte dos conteúdos na escola. Foi notório perceber que a violência doméstica destrutura e afeta a vida das mulheres, lares e famílias inteiras e que há uma necessidade de desnaturalizar o machismo para minimizar os variados crimes cometidos contra mulheres e isso só é possível através da grande parceria com instituições de ensino. Durante esse momento foi notório perceber o quanto a violência doméstica destrutura e afeta a vida das mulheres, lares e famílias inteiras e que há uma necessidade de desnaturalizar o machismo para minimizar os variados crimes cometidos contra mulheres e isso só é possível através da grande parceria com instituições de ensino e com o início desde a formação de profissionais da educação para debater esta temática em salas de aulas e assim poder despertar o espírito crítico, autônomo e libertador de seus educandos. Diante do exposto, o CERMFL observou que ao término das palestras muitos dos alunos explanaram mudanças de diálogo, pois se compreendeu nas falas dos mesmos que eles reproduziam o que eram ensinados dentro do seio familiar: a cultura do machismo. Por tanto, acredita-se que a continuidade desse trabalho trará grandes resultados e mudanças significativas de comportamento e sensibilização com a problemática da violência contra mulheres.

Palavras-chave: Violência Doméstica, Escola, Cultura machista, Valores Libertadores, Política Pública.



Introdução

Este trabalho tem como objetivo trazer uma reflexão acerca da importância do debate de gênero nas escolas, em especial sobre a temática violência contra a mulher, e traz relatos de experiências de palestras desenvolvidas pelo Centro Estadual de Referência da Mulher Fátima Lopes (CERMFL) na Escola Municipal de Ensino Fundamental II Judith Barbosa de Paula Rêgo em Queimadas, Agreste da Paraíba no ano de 2016.

A sociedade atual vem passando por transformações e alguns valores e conceitos passam a ser questionados, ou seja, a forma de conceber as relações está mudando, como: família, casamento, violência contra mulher, racismo, gênero, violência estatal, extermínio de juventude e etc. “Importante perceber que a realidade social é transformável, que feito pelos homens, pelos homens pode ser mudada; que não é algo intocável” (FREIRE, 2002, p. 46). Neste sentido a instituição escolar é um espaço propagador de valores e deve buscar a construção de sujeitos críticos e autônomos.

Sendo assim, afirma Parreira (apud CAVALCANTI, 2009, p. 25):

A escola se destaca como espaço privilegiado, uma vez que o indivíduo a frequenta por longo período de sua vida. É nesse ambiente que ocorrem favoráveis à construção de valores, hábitos e atitudes com intuito intrinsecamente pedagógico, porém, tendo em vista também o desenvolvimento e a aprendizagem para formação social do cidadão.

Temas relacionados às questões de gêneros são necessários serem debatidos no ambiente escolar, uma vez que este é um espaço de socialização de indivíduos e que possui uma complexa multiplicidade de gêneros, comportamentos sociais, que deve propagar valores para uma sociedade mais ética, igualitária, consciente e autônoma em que as relações sejam horizontais em que o respeito seja o princípio fundamental.

A educação autêntica não se faz de A para B ou de A sobre B, mas de A com B, mediatizados pelo mundo. Mundo que impressiona e desafia a uns e a outros, originando visões ou pontos de vista sobre ele. Visões impregnadas de anseios, de dúvidas de esperanças ou desesperanças que implicam significativos à base das quais se constituirá o conteúdo programático da educação (FREIRE, 1987, p. 89).

A sociedade patriarcal, em que as relações entre o homem e a mulher sempre estiveram verticalmente, a mulher sempre esteve subalterna e assim foi construída



culturalmente ao longo dos séculos crenças, ideais e condutas que são estereotipadas, e de algum modo determinam os tipos de comportamentos para homens e mulheres, o primeiro é visto como provedor, o segundo como reprodutor, implicando em uma sociedade desigual.

Chega-se aos dias atuais, questões referentes à violência contra a mulher, considerada necessária ser debatidas na escola, uma vez que na atualidade é um tema muito presente na mídia brasileira, mas que na maioria dos casos não são analisados como crimes de gênero. Assim, portanto a escola é vista nesse contexto como um espaço de construção do pensamento crítico e propício para essas discussões, promovendo nos educandos a mudança comportamental.

Metodologia

Do ponto de vista dos procedimentos metodológicos, a pesquisa foi realizada em duas etapas:

1. A primeira, se constituiu em uma revisão bibliográfica com bases teóricas da pedagogia dialógica, libertadora e humana de Paulo Freire, além de textos que tratam da temática deram suporte teórico a esta pesquisa.

2. A segunda etapa, constituiu-se em um estudo de campo com abordagem qualitativa através da realização de palestras na Escola Municipal de Ensino Fundamental II Judith Barbosa de Paula Rêgo, em Queimadas. Esse município é considerado um dos mais violentos em crimes contra mulheres, em consonância a essa realidade, consta-se a necessidade de conduzir informações na tentativa de desconstrução da cultura machista ainda enraizada na sociedade, com vista no fim da violência contra mulheres.

Assim, foram realizadas duas palestras na Escola Judith, nos turnos manhã e tarde, com alunos do Ensino Fundamental II, das séries do 6º, 7º em seguida com as turmas de 8º e 9º anos, no ano de 2016, essas aconteceram no dia 09/03/2016.

Para realização desses momentos as profissionais do CERMFL (Coordenadora, Psicóloga, Advogada e Educadora Social) organizaram um roteiro de atividades explorando os conhecimentos prévios dos alunos em relação à temática, todas as informações adaptadas para a faixa etária de idade dos alunos e em seguida foi feita exploração oral de acordo com a legislação de amparo a mulher lei de nº 11.340/2006 e políticas públicas de assistência às mulheres em situação de violência doméstica e sexual, com o objetivo de conscientizar os alunos com relação a essa problemática, com vista na tentativa de desconstruir conceitos e comportamentos sexistas.

Resultados e discussão



Os papéis de homens e mulheres ao longo da composição das culturas vêm se constituindo na busca de demarcar os lugares de atuação de cada categoria, ou seja, tomando o espaço público como um espaço masculino e o espaço privado como feminino. Na tentativa de mudar essa preleção, desconstruindo o mito de que as mulheres são frágeis e sentem apatia por política e dentre outros assuntos da esfera pública, as mulheres buscam confrontar-se na luta contra a violência.

É necessário homens e mulheres encontrem estratégias de superação contra relações destrutivas e opressoras:

[...] a prática pedagógica correta para as feministas é compreender os diferentes níveis de opressão masculina [...] homens e mulheres oprimidos necessitam compreender suas diferentes posições na estrutura opressiva para que muitos [...] possam desenvolver estratégias efetivas e deixem de ser oprimidos [...] depois de minha estratégia básica teria que ser oprimidos [...] depois de minha estratégia básica teria que ser essa utopia de liberdade, que envolve a criatividade, riscos, compaixão, comprometimento (FREIRE, 2001, p. 266)

Compreender as sequelas da opressão sofrida por mulheres no âmbito familiar, nos faz remeter a postura da escola enquanto uma das portas a conscientização, autonomia e liberdade, sendo assim crucial desenvolver um trabalho de mudança de comportamentos, não reprodução do que se foi ensinado séculos pela cultura patriarcal, mas uma nova mudança de paradigma em que os princípios de liberdade e igualdade aos poucos, tentam romper as barreiras da opressão.

Parafrazeando o pensamento de Paulo Freire (1987) percebe-se que as mulheres violentadas pelos seus namorados, maridos ou companheiros, muitas vezes elas são oprimidas e se adaptam nessa estrutura dominadora, por temerem atos violentos que as impedem de serem livres. Para Freire a libertação “é um parto. E um parto doloroso. O homem que nasce deste parto é um homem novo” (1987, p. 19) é contra os opressores-oprimidos, que significa uma libertação de todos.

Assim a violência doméstica deixa sequelas irreparáveis na vida de mulheres, crianças e adolescentes, pondo o fim de muitas famílias. Na perspectiva de mudança, o CERMFL é resultado de Política Pública do Governo Federal, foi implantado no ano de 2012 na cidade de Campina Grande-PB, estado da Paraíba, é vinculado à Secretaria Estadual da Mulher e da Diversidade Humana (SEMDH) e tem como objetivo atender as mulheres vítimas de violência doméstica e sexual de Campina Grande e dos municípios do compartimento da



Borborema, promover palestras educativas com vista na desconstrução do machismo e no fim da violência contra mulheres.

O CERMFL é um espaço de acolhimento, atendimento e acompanhamento psicossocial e jurídico para as mulheres em situação de violência doméstica e sexual. Esse serviço realiza escuta qualificada e busca proporcionar o empoderamento feminino, através do fortalecimento da autonomia e da autoestima das mulheres, orientando-as com relação aos seus direitos, visando, dessa forma, contribuir para o rompimento do ciclo da violência doméstica e familiar, respeitando sempre a vontade das mesmas.

Os Centros de Referência de atendimento as mulheres (CRAM) também exercem o papel de articuladores da Rede de Enfrentamento à violência contra as mulheres, na medida em que provocam o fortalecimento da referência e contra referência, de modo a atender a complexidade das demandas das mulheres em situação de violência doméstica e sexual. A meta é obter a resolução de cada caso e proporcionar um atendimento humanizado as mulheres em situação de violência, como também levar informações propícias para a comunidade acadêmica, seja das escolas de ensino fundamental-I, II, médio e universidades. Este trabalho é realizado através de palestras, oficinas, rodas de conversas, mesas redondas, com exibição de vídeos, músicas, dinâmicas, slides e debates.

A Escola Municipal Judith Barbosa de Paula Rêgo (FIG. 1) foi contemplada com ações relevantes desenvolvidas pelo CERMFL no tocante ao despertar dos educandos para uma sociedade transformadora e menos desigual. As atividades aconteceram de acordo com a proposta organizada pela equipe do CERMFL, articulada com a direção da escola.

Para iniciar o diálogo, foi utilizado a mesma dinâmica de introdução com os alunos dos 6º, 7º, 8º e 9º anos, questionando-os sobre o que se compreendiam como violência doméstica e esperava-se a resposta dos discentes antes de passar qualquer informação anterior. Os mesmos respondiam se expressando com gestos e fala dizendo que era: *pancadas, chutes, socos, puxões de cabelos e empurrões*. E citavam alguns momentos que presenciaram em casa no relacionamento entre a convivência com seus pais.

Meu pai bate na minha mãe, mas logo eles fazem as pazes. Aluno M. F 14 anos ,7º ano do ensino fundamental-II.

Meu pai só bate na minha mãe quando ele chega em casa bêbado e ela estressa ele. Aluno A.P 13 anos 7º ano do ensino fundamental-II.

Logo após esse momento as facilitadoras das palestras exploraram o conceito de violência doméstica de acordo com a lei Maria da Penha, em que no seu artigo 7º, prevê cinco espécies de violência, que são: Física, psicológica, sexual, patrimonial e moral. O Artigo 5º.



Para os efeitos desta Lei 11.340/2006, configura violência doméstica e familiar contra a mulher qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial:

I – No âmbito da unidade doméstica, compreendida como o espaço de convívio permanente de pessoas, com ou sem vínculo familiar, inclusive as esporadicamente agregadas;

II – No âmbito da família, compreendida como a comunidade formada por indivíduos que são ou se consideram aparentados, unidos por laços naturais, por afinidade ou por vontade expressa;

III – Em qualquer relação íntima de afeto, na qual o agressor conviva ou tenha convivido com a ofendida, independentemente de coabitação.

Para os alunos do 8º e 9º ano o passo seguinte foi apresentar uma foto de Maria da Penha e perguntar se os alunos a conheciam, logo após falar sobre os crimes sofridos por ela e o que a fez lutar por transformações na sua vida individual e coletiva das milhares mulheres brasileiras, enfatizando sua história através do relato do livro “Sobrevivi posso contar”, quais os tipos de violência de acordo com a Lei 11.346/2006 e onde buscar ajuda, sempre envolvendo os alunos a participar por meio de indagações.

Quando questionados sobre a **violência psicológica** sofrida por mulheres, a aluna S.M 9º ano respondeu: *É aquela violência quando o agressor faz ameaças, deixando ela oprimida, depressiva, mexendo com o sistema nervoso dela, ela pode ter doenças psicológicas, se isolar, não compartilhar aquilo com outras pessoas e a mulher pode sofrer vários danos.*

Dando continuidade foi perguntado aos alunos o que compreendiam por **violência sexual** e logo a aluna P.M do 9º ano se posicionou respondendo: *Violência sexual é a mulher ser abusada sexualmente sem ela querer e sendo forçada a fazer, o abuso sofrido pode trazer problemas psicológicos.*

Ainda com relação aos tipos de violência foi perguntado sobre o que entendiam como **violência patrimonial** e a Aluna M. P, 9ºano, respondeu:

É quando o homem rouba o cartão da mulher e utiliza como se fosse dele, quando ele rasga a roupa da mulher, quebra os troços de dentro de casa.

Na sequência dos questionamentos, os alunos foram indagados sobre o que seria **violência moral** e o Aluno TT 9º ano, disse:

Para mim a violência moral é quando o homem fica difamando a mulher, desrespeitando, eu acho uma falta de respeito para com as mulheres, elas devem ser



respeitadas, se você não tem confiança na sua mulher é melhor você deixar, largar ela, do que ficar desconfiado e difamando.

Ao término, a última pergunta feita foi sobre o tipo de violência que culmina todo o ciclo de agressão, que é a **Violência física**, logo a aluna V.M 9º ano, respondeu:

A agressão física é quando a relação chega em último ponto, quando seu companheiro agride sua companheira, dar chute, beliscões, causando com isso lesões no seu corpo que fica todo machucado, roxo...

Dando sequência a este diálogo, as técnicas que conduziam as palestras nessa escola exibiram um vídeo chamado: *Atitude Feminina*, com as turmas dos 8º e 9º ano (FIG. 2) que exemplificava todo o discurso mencionado na palestra, a partir daí foi feita uma debate reflexivo com os alunos sobre a problemática da violência doméstica e enfatizando a importância da desnaturalização da cultura machista.

Em seguida convidaram cinco voluntários (FIG. 3) a participar de outro momento em que foi entregar placas contendo as palavras: Violência Sexual, Violência Moral, Violência Patrimonial, Violência Física e Violência Psicológica, e orientando-os/as a narrar uma história com relatos envolvendo os cinco tipos de violência trabalhados nas palestras. Esse momento foi de extrema relevância, pois os próprios alunos que se dispuseram a participar e construíram uma história envolvendo as violências, conectando uns a fala do outro, mostrando entrosamento e um pensamento crítico com base no que o atividade propôs, que foi a não reprodução do discurso machista.

Após a primeiro momento que foi realizada com ambas as turmas da mesma forma, para dar sequências ao roteiro das atividades com os alunos do 6º e 7º ano, o passo seguinte foi realizar a dinâmicas com balões, esses balões teriam que permanecer no ar enquanto passava uma música (Maria da Penha) de autoria do cordelista Tião Simpatia, e no momento que a canção parava, os alunos teriam que estourar os balões, nestes continham perguntas sobre as informações antes mencionadas, para de fato perceber o que os educandos estavam aprendendo.

Em seguida foram convidados cinco voluntários/as e entregue placas (FIG. 4) com as frases: “Não sou mercadoria”, “Normal é ser respeitada”, “Cantada não é elogio” entre outras e a partir do que foi discutido, os alunos iriam explicar o que entendia do contexto das frases contida nas placas a partir de todo conteúdo ouvido na palestra. Esse momento foi bastante reflexivo por parte dos educandos.



Figura 1: Escola Municipal de Ensino Fundamental II Judith Barbosa de Paula Rêgo em Queimadas/PB. **Fonte:** Foto dos autores (2016).



Figura 2: Alunos atentos no momento da palestra. **Fonte:** Foto dos autores (2016).



Figura 3: Discentes envolvidos na construção de uma história, envolvendo os tipos de violência. **Fonte:** Foto dos autores (2016)



Figura 4: Alunos participa da dinâmica das placas, reflexão da mensagem contida nas mesmas. **Fonte:** Foto dos autores (2016).



Conclusão

Considerando a escola como um espaço de formação de cidadãos, partindo do pressuposto de esta possui sua função social, entendemos a necessidade que seja abordados temas tão significativos com as questões de desigualdade social em virtude da violência entre homens e mulheres, tendo em vista que a mulher durante muito tempo ficou invisibilizada e não era vista como sujeito de direitos.

Pode-se hoje perceber alguns avanços significativos no papel da participação das mulheres nos espaços públicos. Porém, ainda encontramos grandes desafios a serem superados, como: segregação, misoginia, machista, patriarcalismo, sexíssimo, feminicídio e dentre outros problemas que impossibilitam que as mulheres vivam dignamente.

O resultado dos debates realizado pela equipe do CERMFL na escola mostrou o quanto discussões com essas precisam cada vez mais fazer parte dos conteúdos na escola. Durante esse momento foi notório perceber o quanto a violência doméstica destrutura e afeta a vida das mulheres, lares e famílias inteiras e que há uma necessidade de desnaturalizar o machismo para minimizar os variados crimes cometidos contra mulheres e isso só é possível através da grande parceria com instituições de ensino e com o início desde a formação de



profissionais da educação para debater esta temática em salas de aulas e assim poder despertar o espírito crítico, autônomo e libertador de seus educandos.

Diante do exposto, o CERMFL observou que ao término das palestras muitos dos alunos explanaram mudanças de diálogo, pois se compreendeu nas falas dos mesmos que eles reproduziam o que eram ensinados dentro do seio familiar: a cultura do machismo. Por tanto, acredita-se que a continuidade desse trabalho trará grandes resultados e mudanças significativas de comportamento e sensibilização com a problemática da violência contra mulheres.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006, (**Lei Maria da Penha**). Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm>. Acesso em 23 de novembro de 2016.

CAVALCANTI, L, A. **Efeitos de uma intervenção em escolares do ensino fundamental I, para a promoção de hábitos saudáveis**. Tese de Mestrado, 2009, Brasília.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 31.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. Paulo. Ana Maria Araujo (org.). **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

_____. **Educação cultural para a liberdade: e outros escritos**. 10. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.